

COLUNA ARTE

MATISSE - OS RECORTES

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Matisse foi um dos gigantes da arte moderna, junto a Picasso e Duchamp. A maneira revolucionária como ele usou a cor, a linha e a forma, lançaram as sementes de dois importantes movimentos do século XX : Expressionismo e Abstracionismo. Ele reinventou sua arte várias vezes ao longo de sua trajetória e o fez com grande vigor durante seus últimos 15 anos. Em 1941, aos 71 anos, foi diagnosticado com um câncer de intestino que o impediu de pintar e, a partir do sofrimento, criou algumas de suas mais surpreendentes obras: sua série de recortes. Matisse trocou os pincéis e as tintas pela tesoura e o papel, que era pintado pelos seus assistentes com tinta guache em cores vivas. Com este recurso tão simples o artista criou a princípio obras pequenas, ilustrações para livros e com o passar dos anos passou a criar obras monumentais, algumas delas em exposição atualmente no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MOMA). A mostra “Matisse – The Cut-Outs” veio de Londres, onde teve uma das maiores bilheterias da história da Tate Modern, e apresenta 130 trabalhos desta série final da carreira do artista até sua morte aos 84 anos, em 1954.



Matisse no Hotel Regina, de Nice, 1952



A Dança, 1938- projeto para uma reprodução litográfica para a revista Verve

Anos antes de conceber os recortes como uma técnica independente, Matisse os usava para estudar melhor a posição dos objetos na cena que pintaria. Já em 1919, ele usou papel cortado para projetar a decoração para um teatro. Ao compor o mural A Dança, no início de 1930, ele descobriu que cobrir grandes áreas com folhas de papel pintado lhe permitia fazer mudanças de maneira mais eficiente do que repintando a obra.

Após a doença e impossibilitado de ficar em pé frente às telas, esta técnica ganhou importância e tornou-se a sua principal. Ele procurou uma forma de unir os elementos formais da cor e da linha em um processo que descreveu como "a construção por meio de cor". Unia cor e traço usando cores vibrantes, que transmitissem alegria. Matisse era um grande desenhista e colorista exímio e, através dos recortes, finalmente foi capaz de unir cor e desenho. Descreveu o processo de fazê-los como "cortar diretamente na cor" e "desenhar com tesoura."



Nu Azul 1, 1952 Recortes em papel pintado colados em papel, sobre tela.



O Cavalo, o cavaleiro e o palhaço, 1943, do livro Jazz, 1947

À medida que as composições cresceram, as paredes do estúdio se tornaram os suportes para os recortes. Seus assistentes os fixavam com alfinetes e tachinhas, seguindo as instruções do artista. Este método permitia a fixação rápida e fácil; posições podiam ser alteradas e remodeladas facilmente. Na década de 1950, ele espalhava os recortes pelo estúdio; gostava de ver as colagens voando ao sabor do vento.

O resultado que ele obteve com esta técnica comprovou que a limitação física não lhe tirou a liberdade, ao contrário do que se chegou a acreditar. "Os recortes são a liberdade. Ele dizia que um artista não podia ser prisioneiro de si mesmo, de um estilo, de sua reputação ou sucesso. Continuou produzindo, e cresceram as escalas, que passaram de livros para obras maiores, mais ambiciosas", diz o curador Nicholas Serota, da Tate Modern. Matisse dizia que sua recuperação havia sido uma segunda vida. "Apenas o que criei depois da doença constitui meu verdadeiro eu. Livre, liberado", disse ele. Ousados e exuberantes, os recortes são de uma simplicidade cativante e ao mesmo tempo de incrível sofisticação criativa, pode-se dizer revolucionária. A obra "Caracol" (1953) e as quatro colagens da série "Nu Azul" (1952) se antecipam à arte pop.



O Caracol, 1953 Guache sobre papel recortado e colado sobre papel, montado sobre tela.



A Queda de Ícaro, 1943

Matisse criou obras de arte bonitas em uma das épocas mais feias da história da humanidade. Em sua vida passou por duas guerras mundiais. Mas não se fixou nas graves rivalidades ideológicas internacionais e, apesar de manter seu trabalho distante dos problemas ao seu redor, seus experimentos em desenho, pintura, artes gráficas, ilustração e escultura alteraram permanentemente o curso da arte moderna e da cultura visual. Henri Matisse nasceu em Le Cateau-Cambrésis, no norte da França, em 1869, filho mais velho de um próspero comerciante de grãos. Estudou Direito e trabalhou em um escritório de advocacia. Em 1889, durante a convalescença de uma apendicite, sua mãe lhe deu de presente alguns materiais de pintura. Mais tarde ele declarou que descobriu ali uma espécie de paraíso e que “no momento em que eu tive uma caixa de tintas em minhas mãos, eu sabia que aquela era a minha vida”.

Em 1891 mudou-se para Paris e em 1892 começou um estágio com o pintor simbolista Gustave Moreau. Inicialmente ele pintava naturezas-mortas e paisagens em estilo tradicional, alcançando razoável proficiência. Foi influenciado pelas obras de antigos mestres bem como por artistas modernos, como Manet. Apesar de alcançar algum sucesso inicial nos salões oficiais, passava por dificuldades financeiras.

Em 1896 e 1897, Matisse visitou o pintor australiano John Peter Russell na Bretanha (noroeste da França). Russell o apresentou ao Impressionismo e ao trabalho de Van Gogh, que ainda era totalmente desconhecido. O estilo de Matisse mudou completamente. Sua primeira exposição individual aconteceu em 1904, na galeria de Ambroise Vollard, sem muito sucesso.

Foi durante os verões de 1904 e 1905, passados no sul da França, que a obra do artista mudou drasticamente. Ali, sob a luminosidade do sol, criou obras de cores brilhantes e expressivas. Matisse e um grupo de artistas conhecidos como "Fauves"(feras) foram exibidos juntos no Salão de Outono , em 1905. As pinturas expressavam emoção com cores selvagens, muitas vezes dissonantes, sem levar em conta as cores naturais do mundo real. Matisse foi muito criticado na época mas isto não afetou sua carreira.

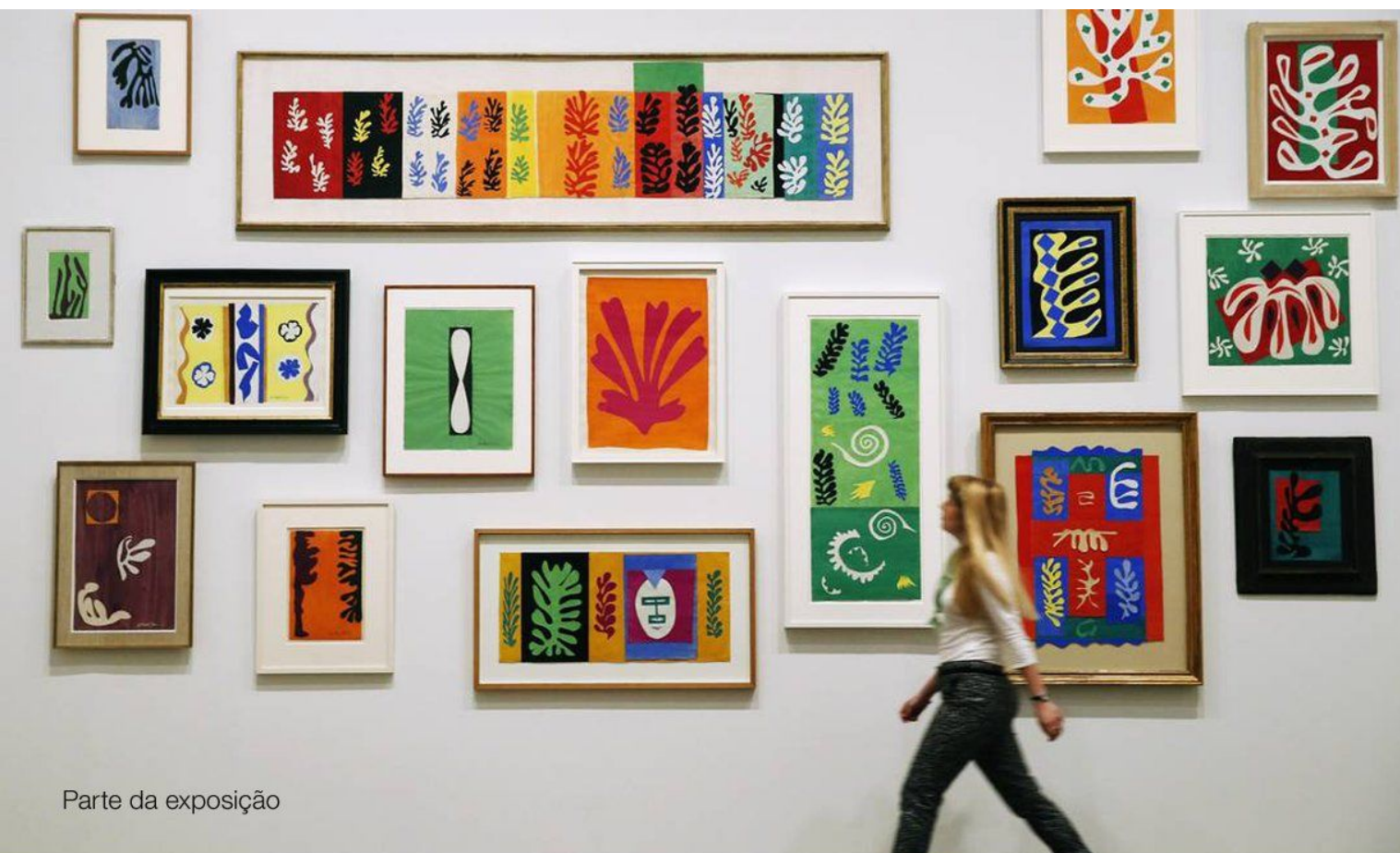
Após a breve e intensa experiência com os fauvistas, em 1907 Matisse iniciou uma espécie de dialogo com Picasso e o movimento cubista. Ele continuou a absorver novas influências - estudou a gravura japonesa,a cerâmica persa e as formas do mundo árabe. Todas estas influencias contribuíram para a evolução de seu estilo inconfundível. Apesar de suas figuras humanas se tornarem cada vez mais geométricas, ele manteve o gosto pelas cores fortes e o relacionamento com as artes decorativas que o levaram a buscar inspiração na Espanha e no Marrocos.



As 1001 Noites



Noite de Natal, 1952, projeto para vitral. Guache sobre papel, recortado e colado.



Parte da exposição

Ao longo de sua longa carreira ele nunca parou de expandir seus horizontes em inesgotável criatividade que abrangeu a tapeçaria, cerâmica, murais, vitrais.

Entre 1917-1930 (conhecido como o seu "período de Nice") embora ainda envolvido com o estudo de cor e composição, seu trabalho tornou-se mais íntimo, concentrando-se na figura feminina, interiores e naturezas-mortas. Henri Matisse criou seus recortes em três estúdios diferentes. Em 1946, ele trabalhou em um apartamento no Boulevard Montparnasse, em Paris. Entre 1943 e 1948 viveu e trabalhou no hotel Villa le Rêve, em Vence. De 1949 até sua morte em 1954, os recortes de Matisse cresceram, instalando-se em todo o interior do Hotel Regina, de Nice

A atual exposição permite ao público ver lado a lado, pela primeira vez, várias obras do artista, como “O Caracol”(de 1953), que pertence à coleção da Tate; “Memória da Oceania” (1953), do MoMA de Nova York; e “Grande composição com máscaras” (1953), da National Gallery of Art de Washington. Esta é a maior peça em exibição, com dez metros de largura. Outra raridade da mostra é a reunião de quatro obras da série “Nu Azul” (1952), silhuetas femininas feitas dois anos antes da morte do artista e que poucas vezes foram vistas juntas, pela fragilidade de sua conservação e transporte.



A PISCINA - Certa manhã, no verão de 1952, Matisse disse a sua assistente que "queria ver mergulhadores". Eles foram a uma piscina em Cannes. Sofrendo sob o sol escaldante, voltaram para casa, onde ele declarou: "Eu me farei minha própria piscina."

Pediu a ela para forrar as paredes de sua sala de jantar no Hotel Regina em Nice com uma faixa de papel branco, posicionado um pouco acima do nível da cabeça. O quarto foi forrado com estopa, um revestimento de parede popular da época. Em seguida, cortou seus próprios mergulhadores, nadadores, e criaturas do mar em papel pintado em um azul ultramarino. As formas azuis foram presas no papel branco, o que ajudou a definir o ballet aquático dos corpos, salpicos de água e luz. Matisse viu na flexibilidade do papel uma representação perfeita da fluidez da água.



O PERIQUITO E A SEREIA – "Eu fiz um pequeno jardim em volta de mim, onde eu posso andar. Há folhas, frutos, um pássaro". Matisse se identificava com o pássaro no lado esquerdo desta colagem. "Eu tive que fazer este periquito com papel colorido", disse ele."

Eu me tornei um periquito. E eu me encontrei no trabalho". Ele fez a obra para si mesmo, mas algumas das obras monumentais de 1953, como "La Gerbe" e "Grande Composição com Máscaras" foram encomendadas por colecionadores de Los Angeles, para seu pátio. Ele sempre aceitou a arte inserida na decoração; para ele, isto nunca foi depreciativo.

Também é a primeira vez que a coleção "Jazz" (1947), do Centro Pompidou, é vista fora da França. O conjunto de recortes inspirados em cenas de circo, viagens e contos populares foi imaginado inicialmente para ilustrar um livro de poemas, mas acabou sendo editado ao lado de textos escritos pelo próprio artista, com uma reflexão do seu ofício. O título da obra foi dado pela semelhança com a espontaneidade e o improvisado do jazz.

Faz parte da exposição uma parte dos vitrais da Capela do Rosário, em Vence, na França. Eles exigiram do artista inúmeras colagens e tentativas até que chegasse ao resultado final, que ele considerou sua obra-prima. Matisse transformou seu estúdio e o próprio quarto numa réplica da capela.

A exposição marca um momento histórico em que estes tesouros da arte moderna podem ser vistos juntos. Após 8 de fevereiro de 2015, quando termina a exposição no MOMA, as obras retornarão às galerias e coleções particulares em todo o mundo.